

# Novas Universidades na América Latina: velhos dilemas, novos desafios

Entrevista com Prof.a. Manolita Correia Lima<sup>1</sup>

Realizada por Ivor Prolo<sup>2</sup>



Agradecemos o convite aceito e a sua disponibilidade para nos ceder esta entrevista. Vamos começar com a seguinte pergunta:

*IP: O que lhe motiva a estudar a internacionalização do Ensino Superior, em um primeiro momento com uma visão mais global de como ocorre nos diferentes países e continentes e, em um segundo momento, focando especificamente a internacionalização brasileira com o caso da UNILA?*

**MCL:** Parece curioso que mesmo entre os pesquisadores haja uma predisposição para entender o processo de internacionalização como algo naturalmente positivo. Quanto dei os primeiros passos na direção de uma investigação mais sistematizada sobre o tema, fui movida pela curiosidade de conhecer a participação dos atores sociais implicados e os distintos ângulos da questão, sem desconsiderar os diferentes níveis de

---

<sup>1</sup> Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora titular no Programa de Mestrado e Doutorado em Gestão Internacional e coordenadora do Núcleo de Inovação Pedagógica da ESPM. Tem particular interesse por pesquisas que aprofundem aspectos relacionados à Educação Superior (internacionalização da educação, mobilidade acadêmica internacional, formação de professores) e metodologia de pesquisa. Em parceria com o prof. Fábio B. Contel, assina o livro “Internacionalização da educação superior: nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento”, publicado em 2011, pela Alameda. Atualmente coordena o “Grupo de Pesquisa: Mobilidades – a vivência acadêmica internacional” e o projeto de pesquisa: “A mobilidade acadêmica internacional Sul-Sul - a experiência da Unila”, financiado pelo CNPq. Contato: mclima@espm.br

<sup>2</sup> Profissional universitário na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Atualmente cursa o doutorado em Gestão Internacional (PMDGI) oferecido pela ESPM – São Paulo. Realiza estudos com as temáticas: internacionalização do ensino superior, mobilidade acadêmica internacional e o Programa Ciências sem Fronteiras – CsF, respaldado pelo Grupo de Pesquisa “Mobilidades – experiência acadêmica internacional (CNPq)”. Contato: ivorprolo@unemat.br

amplitude que é possível abordar – agências internacionais, editoras globais, Estado, agências de fomento à pesquisa, universidades, comunidade acadêmica (pesquisadores, professores, estudantes), por exemplo. O que chama particular atenção são as convergências, sobretudo as singularidades com que cada país assume os desafios envolvidos no processo de internacionalização da Educação Superior. Observa-se que enquanto poucos têm condições de definir políticas e planos de ações de ingresso e permanência, muitos, caso queiram se internacionalizar, terão que se adaptar ao que foi estabelecido de forma exógena. Nesse contexto, o projeto de criação da Unila é inspirador na medida em que suscita a esperança de colaborar para uma internacionalização inclusiva, capaz de aproximar estudantes e professores de origens e culturas diversas, mas que se aproximam pelo interesse de aprender a conviver e a viver propositivamente.

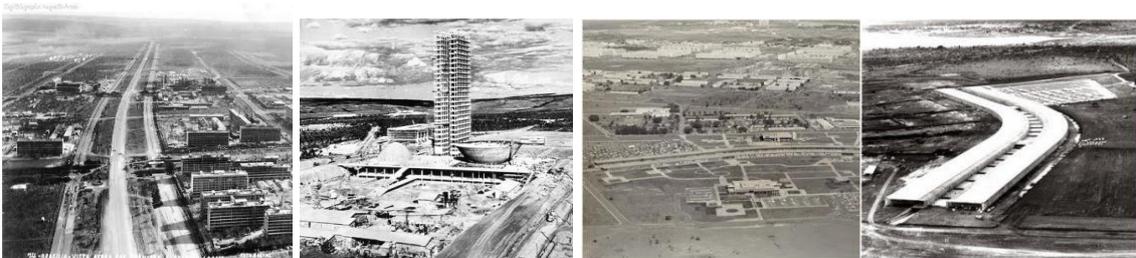
*IP: A internacionalização tem sido um tema recorrente nas discussões sobre o Ensino Superior no Brasil. Como você mesma já mencionou, a UNILA e a UNILAB fazem uma internacionalização ativa. Em que medida as universidades brasileiras podem se tornar mais ativas na internacionalização do ensino superior no nível institucional?*

MCL: Quando eu e o prof. Fábio Contel nos lançamos no estudo sobre o processo de internacionalização da Educação Superior, fizemos o uso dos conceitos de nações ativas e passivas levando em conta o contexto da geopolítica do conhecimento. A intenção era discutir as relações assimétricas percebidas entre países que se determinam a inserir o respectivo sistema de Educação Superior ao ambiente internacional. Observou-se que os interesses envolvidos combinavam aspectos econômicos, políticos e acadêmicos, enquanto poucos países atraíam acadêmicos e comercializavam serviços que envolvem ensino e pesquisa, outros enviavam acadêmicos e compravam serviços. Nesse contexto, os projetos de criação da Unila e da Unilab apontam para a possibilidade de as referidas universidades promoverem uma internacionalização inclusiva. No caso da Unila, há um esforço para se resgatar parte dos ideais que embalsamaram o Manifesto de Córdoba, além de repensarem o sentido da universidade, comprometem-se a ultrapassar a esfera acadêmica (ensino e pesquisa) na direção de responsabilidades que transitam entre a agenda cultural, social e política. Levando em conta que as universidades públicas brasileiras não são melhores, nem piores do que as demais instituições sociais do País, questiona-se quais são as condições que atualmente favorecem as referidas instituições a equilibrar as dimensões acadêmicas, culturais, sociais e políticas projetadas no momento em que foram concebidas? Na lógica de uma internacionalização que ajuda mais a classificar instituições, programas, cursos, professores e estudantes, assumir algum protagonismo é um empreendimento para poucos.

*IP: Junto à internacionalização, essas universidades também tocam no tema da interiorização. A experiência de mais de sete anos tanto da UNILA como da UNILAB tem mostrado que muitas vezes as cidades onde estão instaladas não dispõem de aparatos*

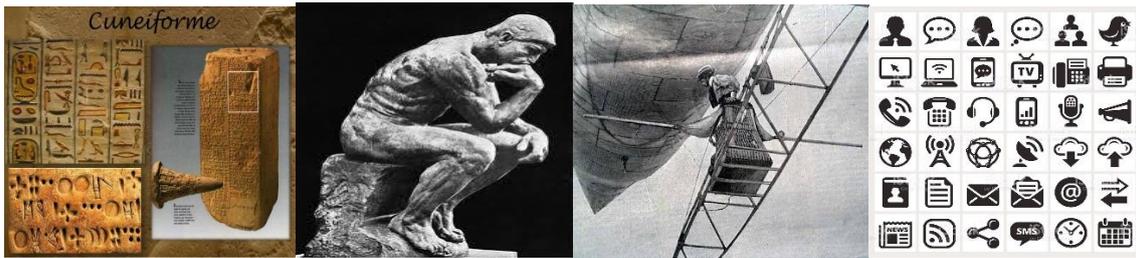
*culturais e sociais para recepcionar a comunidade acadêmica. Como você percebe essa questão?*

MCL: Em país continental e historicamente desigual, investir em um processo de interiorização da universidade pública não é algo trivial ou agenda de um Governo. Reconhecendo a universidade como indutora não apenas do desenvolvimento local, mas também da cultura, a instalação de uma universidade pública, até mesmo de um *campus* universitário no interior do País, pode colaborar positivamente para diversas frentes. Exemplos disso seriam a geração de emprego na região onde se instala, a formação de jovens e adultos, oferta de atividades culturais (poesia, música, pintura, escultura, teatro, cinema etc.), a promoção de debate político, a atração de profissionais qualificados (professores, pesquisadores, artistas, gestores), investimento em infraestrutura (habitação, transporte), em serviços (alimentação, saúde, lazer) etc. Mas esse processo de transformação não é imediato ou de curto prazo, envolve o tempo humano, interesses e prioridades. Frente ao exposto, pergunto-me se as universidades públicas deveriam ser criadas em cidades que disponham de estruturados aparatos culturais e sociais para recepcionar a comunidade acadêmica forânea ou se a presença da universidade (e tudo o que ela traz) poderia ser indutora disso!? Quando o projeto de criação da Universidade de Brasília toma corpo, a cidade dava os primeiros passos. A população inicial da cidade foi transplantada de várias regiões do País na medida em que a construção da nova capital exigia disposição para se viver no barro vermelho, trabalhar muito e adiar possibilidades de uma vida confortável. A Universidade toma forma junto com a cidade, refletindo os avanços e retrocessos que marcaram o País desde então – como toda instituição social – mas hoje seria impossível imaginar Brasília sem a UnB e a UnB fora de Brasília!



*IP: Como inovar o ensino superior brasileiro considerando que os recursos, os marcos legais e até mesmo humanos, são referenciados em estruturas tradicionais de ensino?*

MCL: Todo processo de inovação, seja ele incremental ou disruptivo, deriva de projetos. A elaboração de projetos, por sua vez, traduz uma característica eminentemente humana. Como afirma o professor Nilson Machado (FE-USP), apenas o Homem é capaz não só de projetar, mas de viver a sua existência como um projeto. Assim sendo, formular projetos orientados por valores reflete a sensibilidade e a inteligência humanas.



As estruturas que sustentam a Educação são alicerçadas e reproduzidas por pessoas. Conseqüentemente, não há como promover transformações de caráter quantitativo (acesso e permanência) e qualitativo (consoantes às necessidades humanas situadas no contexto de sociedades intensivas de conhecimento) se não houver um projeto de educação capaz de orientar prioridades e imprimir sentido aos planos de ação. Investir na formação da população significa criar condições para termos pais e mães, professores, gestores públicos e privados, legisladores etc. com mais capacidade para assumir responsabilidades pessoais e coletivas. A educação brasileira é alvo de bons diagnósticos, mas é refém de projetos fragilmente formulados, precariamente implantados, e de vida curta, refletindo mais empreendimentos de governo do que de Estado. Em março deste ano (2017), as Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) publicou o Relatório de Desenvolvimento Humano (RDA), que apesar de ter sido elaborado em 2016, explora dados correspondentes a 2015. Considerando um grupo formado por 188 países, o Brasil está situado no 79º lugar, depois da Albânia, Líbano, México, Azerbaijão. Ousaria afirmar que esse resultado aponta mais para a ausência de um projeto de Estado voltado para Educação, do que para limitações de ordem econômica.

*IP: Vivemos um momento de crise política. Como você percebe o papel das universidades? Essas instituições podem nos trazer alguma luz sobre esse momento de “trevas”?*

MCL: Entendo que o País não experimenta apenas uma crise política. Junto com ela se instalaram uma crise institucional, uma crise moral e uma crise econômica. A repercussão dessas diferentes crises não é pequena. O Brasil retrocede em diversos aspectos e as agendas do ensino e da pesquisa são apenas dois exemplos. Levando em conta que o pessimismo é sabidamente desmobilizador, alguns nutrem a expectativa de as crises ajudarem a fortalecer nossa democracia, ainda tão frágil! A ampliação do acesso às tecnologias digitais favorece a exposição à informação. Nesse contexto, a discussão das crises enfrentadas está em todos os lugares. Entendo que o meio acadêmico e os meios de comunicação são espaços que podem ajudar a qualificar esse debate. Na América Latina, o ambiente acadêmico é conhecido por alicerçar uma concepção de universidade em que o conhecimento produzido pela inteligência existente é revertido para a sociedade. As atividades de extensão, por excelência, transcendem os muros da universidade (sim, ainda temos muros!!!) e assumem

múltiplas faces. Uma delas reside na promoção do debate em torno de temas de interesse geral, em que acadêmicos com diferentes visões de mundo podem conversar e revelar os distintos ângulos em que o tema pode ser abordado. Esse exercício não assume o caráter prescritivo – aquele que determina como o “mundo deveria funcionar” – mas de abertura de espírito no sentido de apresentar de forma argumentada e acessível múltiplas visões de mundo, múltiplas possibilidades. A promoção de “rodas de conversa” contribuem para aproximar universidade e cidade, para a formação política do cidadão, para uma visão de comunidade, para a compreensão e o fortalecimento da democracia. Possivelmente a metáfora utilizada (trevas) traduza pouco o momento em que vivemos, uma vez que a informação circula, indivíduos e sociedade encontram canais de expressão, o debate se instala – um processo que tem chance de se reverter em reflexão, formação de opinião, tomada de decisões mais conscientes.

*IP: Por fim, sabemos que você vem acompanhando a UNILA e a UNILAB desde antes da Lei de criação ser aprovada. O que mais lhe sensibiliza nestas universidades? O que você vê como essência destas universidades que deve ser preservado e até mesmo copiado por outras universidades brasileiras e latino-americanas?*

MCL: A universidade é uma instituição social particularmente instigante. Impressiona o número de acadêmicos que dedicaram grande parte de sua existência ao estudo e ao fortalecimento deste empreendimento. Admiro enormemente os projetos de criação da Unila e da Unilab. Se tivesse oportunidade, eu me aprofundaria no estudo dos dois casos porque me parecem emblemáticos. Apesar de conhecer o projeto de criação da Unilab, posso afirmar que desconheço o seu processo de implantação. Em virtude da localização (proximidade entre as cidades de São Paulo e Foz do Iguaçu), da publicização de farta documentação acerca do cuidadoso processo de criação e da confiança depositada por alguns estudantes, professores e gestores ligados à instituição, além de apoio recebido do CNPq, conheço um pouco mais o caso da Unila. Trata-se de um projeto arrojado, inovador em diversos aspectos (acadêmico, cultural, social e político), compreensivelmente, de complexa realização. A margem de êxito depende do comprometimento de muitos atores sociais externos (países favorecidos com a instituição) e internos ao País (representantes do governo brasileiro no âmbito federal, estadual e municipal), internos (estudantes, professores nacionais e internacionais, técnicos administrativos e gestores acadêmicos) e externos à universidade (representantes da cidade de Foz do Iguaçu), mas o nível de compreensão e adesão ao projeto se revela muito variado. Os desafios enfrentados por estudantes, professores e gestores que estão à frente do processo de implantação do referido projeto não têm sido modestos. As ameaças de transfigurar o projeto original são frequentes, geram insegurança e desgaste, exigem tempo e energia que poderiam ser utilizadas para as atividades fins da instituição. Apesar disso, continuo profundamente inspirada pelo projeto e pelos valores nele implicados, na medida em que têm explícito compromisso de colaborar para a transformação da vida de estudantes e professores (que vêm de longe e de perto), dos rumos de uma cidade que tem a sorte e o azar de fazer fronteira com dois países, além de pretender influir sobre a forma como o Brasil é visto na região

e favorecer a construção de um processo de integração regional pela cultura. Não conheço muitas universidades que se orientam por tamanho desafio! Entendo que as universidades têm identidades próprias, porque refletem os projetos motivadores, os valores e a atuação daqueles que deram vida a tais projetos, o ambiente onde se instalam e as influências exercidas por quem as financiam. Mas há algo que une as universidades de determinado país e que a literatura nomeia de concepção ou de modelo de universidade. Um traço predominante da universidade pública brasileira é a busca de equilíbrio entre ensino, pesquisa e extensão. Observa-se que, apesar de almejar boa classificação nos *rankings* mundiais e regionais, algumas permanecem sensíveis a uma agenda social. Exemplo disso foi a adesão ao Programa Emergencial em Educação Superior Pró-Haiti e recentemente a Cátedra Sérgio Vieira de Melo.

*IP: Prof.a. Manolita, chegamos ao final desta entrevista. Eu quero lhe agradecer pela sua atenção e cuidado em trazer respostas contributivas e ao mesmo tempo geradoras de discussão. Eu quero também agradecer imensamente pela confiança depositada em mim para conduzir este trabalho e, para finalizar, em nome da Revista Sures, agradeço sinceramente a contribuição valiosa para a compreensão de universidades tão singulares como a UNILA e a UNILAB. Muito obrigado!*